

# O Marxista e o Padre

*Vitor César Zille Noronha*



Egresso do PET-Economia/UFES. Padre da Arquidiocese de Vitória do Espírito Santo. Graduado em Ciências Econômicas pela UFES, Mestre em Filosofia pela UFES e Bacharel em Teologia pelo CECATES.

Reinaldo Carcanholo é muito conhecido por ter uma obra invejável e ser referência obrigatória a toda uma geração que faz críticas à Economia Política a partir da periferia do mundo, da nossa América Latina – Pátria Grande, apesar de ainda apequenada pela dependência. Sou mais um daqueles que teve o grande privilégio de ler seus textos e de acompanhar suas aulas. Para sempre será meu professor, mas, certo dia em uma reunião, quando eu assim o chamava, ele me disse: “aqui não, aqui somos companheiros e amigos”. Assim sendo, até porque certamente neste exemplar haverá outros autores com maior competência acadêmica, não falo tanto do professor Carcanholo, mas sim do Reinaldo: amigo que

aprendi a amar tão proximamente, em especial no momento mais padecente, e companheiro com o qual, ombro a ombro, travei tantas lutas.

Tive a oportunidade de conhecer o Reinaldo primeiramente por meio dos textos, que me encantavam e eram um meio irrenunciável de entender a lógica de funcionamento do modo de produção capitalista, especialmente a partir das categorias marxianas. Encantava-me também o fundo que ali existia, de realismo esperançoso ou utopia concreta, no sentido de que não se renunciava, nem um milímetro, a análise científica do real. Não obstante, havia um espaço privilegiado para a ação, de que a práxis transformadora tinha um caráter relevante e insubstituível, não somente para a transformação da realidade concreta, mas também para a sua compreensão. Assim, não se tratava de um “marxista de laboratório” – e isso era determinante para ganhar o respeito daquele jovem militante que eu era –, mas de um intelectual orgânico dos oprimidos, com o pensamento refinado e, concomitantemente, consequente.

De fato, nos aproximamos mais quando eu ingressei no Programa de Educação Tutorial (PET) do Departamento de Economia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Ali, vivi alguns dos momentos mais especiais da minha vida, muitos dos quais com o

Reinaldo. Tenho grande saudade das Reuniões Literárias, responsáveis por aumentar meu gosto pela literatura; dos Teatros do Oprimido, quando tive a oportunidade de conhecer a vida e a obra do gênio Augusto Boal; das articulações políticas, quando atuávamos juntos, seja em questões muito próximas, no Departamento de Economia ou no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, até as eleições presidenciais; os churrascos e cafés na sua casa; as formações e as palestras, dentro e fora da Universidade, das quais algumas tive a honra de dividir mesa com ele; enfim, quando olho para esse período da minha vida e penso no Reinaldo, a memória olha para mim e sorri.

O que me deslumbrava ainda mais eram suas histórias, tantas e fascinantes. Movimento Estudantil; luta contra a Ditadura Militar brasileira; exílio; construção do poder popular no Chile sob a liderança de Salvador Allende; novo exílio na América Central e atuação, também ali, em processos revolucionários; doutorado com Ruy Mauro Marini; carreira acadêmica etc. Meu desejo seria relatar aqui cada uma dessas histórias, mas por falta de espaço, e na certeza de que participarão desta edição pessoas que as viveram juntamente com ele, me dedicarei a relatar uma, que vejo como especialmente atual.

Reinaldo tinha um sonho: o de fazer do curso de Ciências Econômicas um curso de Economia Política, onde a crítica a esta ciência teria lugar privilegiado. Ele possuía, de fato, uma trajetória invejável neste âmbito. Em primeiro lugar, travou o debate curricular na Universidade do Chile, durante o Governo da

Unidade Popular. Depois, o amadureceu na América Central e o implementou, de certo modo de forma exitosa, na Graduação e na Pós-Graduação em Campina Grande, já no Brasil pós-redemocratização. Mas, sem dúvida, toda essa trajetória acabou desembocando e tendo como auge a fundação da Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Economia (ANGE), em que, juntamente com outros interlocutores, foi possível aprovar uma reforma curricular baseada no pluralismo metodológico, muito além do empobrecido ensino dominante até então, firmado em manuais pseudo-científicos. Tal perspectiva valorizava, especialmente, ir diretamente aos autores, compreender todas as perspectivas e integrá-las ao pensamento social.

Por que contei essa história? Porque, há quase três anos, estou construindo a “Economia de Francisco e Clara”, iniciativa convocada pelo Papa Francisco para jovens economistas do mundo inteiro, com o seguinte objetivo, de acordo com ele mesmo: “estudar e a pôr em prática uma economia diferente, que faz viver e não mata, inclui e não exclui, humaniza e não desumaniza, cuida da criação e não a devasta”. Trata-se de uma iniciativa claramente anticapitalista, partindo do diagnóstico que, no mundo atual, a vida está a serviço do dinheiro (capital), mas que se trata de colocar o dinheiro (ou, melhor, toda a riqueza socialmente produzida) a serviço da vida. Muito recentemente, no encontro em Assis (Itália), o Papa falou para mim e para outros jovens economistas que é necessário “ter esperança para mudar o sistema”. Especificamente, houve

uma fala sua que me chamou a atenção e que me fez recordar a história acima, bem como do próprio Reinaldo. O Papa dizia: “Uma sociedade e uma economia sem jovens são tristes, pessimistas, cínicas. Se quiserdes ver isto, ide àquelas universidades ultraespecializadas em economia liberal, e fitai o rosto dos jovens e das jovens que ali estudam”.

Tenho a alegria de afirmar: não fui um jovem triste enquanto estudava economia. Não que não houvesse muitos motivos para me entristecer; não que fosse necessário, aliás muito pelo contrário, arredar um milímetro na análise rigorosa da realidade social, mas o realismo na análise não renegava a necessidade da esperança. Isto é, tratava-se, propriamente, de um realismo esperançoso, que percebe a Economia como ciência do enriquecimento, a qual legitima o processo de acumulação e de distribuição dominante no presente modo de produção e que, por isso, como dizia Reinaldo, “é preciso sair do aquário”. Não se trata de escolher ser ortodoxo ou heterodoxo, dois modos diferentes, porém, tão complementares de administrar a desigualdade estrutural, assim se está dentro do aquário. Trata-se de sair dele, olhar de fora, fazer uma crítica radical à Economia Política, a partir da totalidade social, a partir dos abnegados da terra. Isso cria a utopia concreta; isso opera por esperança ativa; isso transforma o mundo e, enquanto se faz novas todas as coisas, o ser humano também se transforma no processo. Assim, nasce o mundo novo, ao qual o Reinaldo já era um cidadão,

apesar daquela nação não haver ainda sido fundada.

É fato que o Reinaldo se foi, bem como compreendemos isso de modo diferente. Eu, cristãmente, como páscoa para o mundo novo que ele já ajudou a construir neste, mesmo que não o soubesse, ele está apenas em um descansar e voltar ao ser inorgânico. De qualquer modo, afirmo que ele vive e subsiste. Nas minhas memórias, nas minhas recordações, nas minhas lutas, na minha reflexão, nas minhas orações, na minha história. Ao menos desta sede que sou eu, jamais ele se extinguirá. Prova disso, mesmo que em uma homenagem tão banal, dediquei minha monografia na Graduação em Economia a ele quando ainda estava em vida, e dediquei minha dissertação de mestrado em Filosofia a ele in memoriam, inclusive, tendo trabalhado a categoria fetichismo, que conheci por meio dele.

Não posso negar que ele tenha ficado levemente decepcionado quando partilhei com ele que iria para o Seminário, havia sentido o chamado para ser padre. Certamente queria me ver na academia ou na política institucional, como já falara tantas vezes. Não obstante, depois de fazer uma piada sobre a vida celibatária, disse: “Que o teu Deus, que eu espero que exista, porque ele é belo, te abençoe. Mude a batalha, mas não a trincheira”. Depois me contou algumas histórias sobre frades franciscanos, ligados à teologia da libertação, que salvaram sua vida e a de outros exilados brasileiros no Chile, bem como das relações

que estabeleceu com os cristãos pelo socialismo naquele país.

Por fim, digo que foi duro acompanhar seus momentos finais. Lembro-me quando fui tomar um chá em sua casa: sua voz já estava muito embargada, sua pele um pouco escurecida e tinha mal-estares regularmente. O que começou como um câncer de pulmão havia evoluído rapidamente para uma metástase óssea severa. Ele já sabia que não suportaria. Mas, queria conversar sobre os movimentos sociais e mantinha acesa a esperança nas lutas pelas quais viveu. Nelas, ele estava ainda muito vivo. Finalmente, apenas um dia antes de seu óbito, eu e Maria Eduarda Erlacher de Figueiredo, também petiana egressa, fomos visitá-lo no hospital, e ele já estava completamente inconsciente. No entanto, fiquei feliz em vê-lo tão perto da passagem, bem como de poder ter chorado no seu velório juntamente com seus familiares e amigos tão queridos. Além disso, parte de sua biblioteca ficou para mim de herança. Alguns dos seus livros mais antigos, alguns até com dedicatória de ilustres, como do próprio Ruy Mauro Marini. Guardo-os como uma relíquia. Quando leio seus textos escuto ainda vivazmente sua voz, como se ele estivesse aqui a me dizer. Seu humanismo radical – diria, até, cristão – ainda fala muito para mim. Sem dúvida, Reinaldo, permanecemos companheiros e amigos. Troquei de batalha, mas não de trincheira. Você viveu a vida na trincheira dos pobres, trabalhadores, oprimidos e abnegados da terra. Nela também estou, nela quero permanecer para sempre. Até a vitória! Que virá, tenho

certeza. Ou nesta vida – ainda tão obscurecida com as sombras de morte – ou no alvorecer luminoso da vida verdadeira que virá finalmente!

Reinaldo Carcanholo, presente! Agora e sempre!